

## **Capitães da Areia: do drama social à militância política**

Celeste Gonçalves Costa\*

Raimundo Nonato Cunha de França\*\*

**Resumo:** Este trabalho apresenta uma análise da obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, abordando a constituição social do sujeito e sua conformação política dentro de um contexto ficcional. A partir da observação das dificuldades enfrentadas pelo personagem Pedro Bala, tendo-o como personagem principal desta pesquisa, analisa-se sua trajetória ao longo do enredo no contexto sociocultural a que este estava inserido. O trabalho foi realizado por meio de pesquisa do tipo revisão bibliográfica, com a seleção de textos relacionados ao contexto e a obra em si. Foram lidos textos de José Murilo de Carvalho (2015), Karl Marx (1998), entre outros, pois estes se aproximam direta e indiretamente dos temas estruturantes abordados na trama. A estrutura da pesquisa foi desenvolvida a fim de propor uma reflexão, trazendo à tona questões sociais ainda bem evidentes em nossa atual sociedade. Por fim, vimos Pedro Bala tornando-se um militante que representou um grupo que estava à margem da sociedade, dando voz, questionando e lutando por direitos que todos os cidadãos devem ter em uma sociedade, dando demonstração que a construção do sujeito é histórica e não determinada previamente.

**Palavras-chave:** constituição social; conformação política, trajetória; militância.

## **Capitães da Areia: from social drama to political militancy**

**Abstract:** This research presents an analysis of the novel *Capitães da Areia*, by Jorge Amado, approaching the social constitution of the subject and its political conformation within a fictional context. From the observation of the difficulties faced by the character Pedro Bala, chosen as the main one in our research, it was verified the necessity to trace his trajectory, that is, his transformation before the context which he was inserted in. The following text was produced by bibliography revision research, with selected texts related to the work. Texts by José Murilo de Carvalho (2015), Karl Marx (1998), among others, were read. The research structure was developed in order to propose the reflection of this analysis, bringing up social issues still very evident in our current society. Finally, we saw Pedro Bala turning himself into a militant who represented a group that stands on the edge of society, giving them voice, questioning and fighting for rights that all citizens should have, demonstrating that subject construction is historical and not previously determined.

**Keywords:** social constitution; political conformation; trajectory; militancy.

---

\* Professora de Português /Inglês - Graduada em Licenciatura Plena em Letras, pela UNEMAT. e-mail: [celesteheitor@hotmail.com](mailto:celesteheitor@hotmail.com).

\*\* Professor de Sociologia na UNEMAT; Doutor em Ciências Sociais, área de concentração Política, Desenvolvimento e Sociedade, pela UFRN. e-mail: [raimundofranca@gmail.com](mailto:raimundofranca@gmail.com).

## **CAPITÃES DA AREIA**

A obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, foi publicada em 1937, trazendo bastante polêmica, dado seu potencial “subversivo”, afinal, a obra denunciava posicionamentos da igreja e de autoridades e retratava temas relacionados aos dramas sociais da época como, por exemplo, a pobreza e as greves.

A leitura da obra faz-nos refletir a respeito dos problemas sociais que há muito existem em nossa sociedade. Percebemos uma significativa divisão de classes, em que notamos desigualdade e negligência no que se refere à abordagem desses problemas, pois a condição social das crianças abordadas em *Capitães da Areia* está associada àqueles que estão à margem da sociedade. Percebe-se, em relação a sua representação, que o romance destaca sua invisibilidade na sociedade, que minimiza os sujeitos e suas identidades, ou mesmo nega-lhes qualquer possibilidade existencial. Exemplo desse apagamento é o fato de que os personagens são apresentados com apelidos, destacando, de maneira pejorativa, características e diferenças pessoais ou físicas de cada um no grupo.

No entanto, no romance, aos capitães da areia, enquanto grupo, também se atribui uma identificação, à medida em que representam uma unidade, com semelhanças e objetivos em comum, no contexto social em que estão inseridos. A respeito de *identidade*, refletimos que:

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer "o que somos" significa também dizer "o que não somos". A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. (SILVA, 2000, p.82)

Com isso, nota-se o quão a identidade do sujeito é relevante, e a forma como ela é representada pode influenciar de diferentes maneiras na construção do sujeito no contexto em que este está inserido. A obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado (1937) denuncia a realidade social da época como as greves operárias e as desigualdades sociais. Além disso, traz forte apelo às questões políticas, como o surgimento do Partido Comunista do Brasil. Na época em que a obra foi escrita, assim como outras, foi considerada uma apologia ao comunismo. Em consequência

disso, exemplares da obra foram queimados em praça pública, como se vê na notícia do *Jornal Correio* divulgado na época:

**Transcrição da ata ordenando a queima de livros em Salvador**

Aos dezanove dias do mês de novembro de 1937, em frente à Escola de Aprendizes Marinheiros, nesta cidade do Salvador e em presença dos senhores membros da comissão de buscas e apreensões de livros, nomeada por ofício número seis, da então Comissão Executora do Estado de Guerra, composta dos senhores capitão do Exército Luís Liguori Teixeira, segundo-tenente intendente naval Hécio Auler e Carlos Leal de Sá Pereira, da Polícia do Estado, foram incinerados, por determinação verbal do sr. coronel Antônio Fernandes Dantas, comandante da Sexta Região Militar, os livros apreendidos e julgados como simpatizantes do credo comunista (...) TEIXEIRA, AULER e PEREIRA, Luiz Liguori, Helcio e Carlos e Leal de Souza. Incinerados vários livros considerados propagandistas do CREDO VERMELHO. *Jornal Estado da Bahia*, Salvador, 17\12. (apud RAMOS, 2018, s/p)

Jorge Amado foi um autor da década de 1930, uma época em que o engajamento político, religioso e social foi bastante intenso.

Os anos 30 foram de engajamento político, religioso e social no campo da cultura. Mesmo os que não se definiam explicitamente, e até os que não tinham consciência clara do fato, manifestaram na sua obra esse tipo de inserção ideológica, que dá contorno especial à fisionomia do período. (CANDIDO, 1989, p.181)

Jorge Amado pode ser entendido da mesma maneira, pois, seu romance enfatiza várias questões sociais, como sugere Neves (2013, p. 45), em seu artigo *A voz dos excluídos: Uma análise da linguagem em Capitães da Areia*: “O tema principal do romance é a marginalização de crianças e adolescentes, que por diversas razões se encontram em situação de rua.” O autor na narrativa denuncia essas desigualdades sociais e econômicas, de forma peculiar e explícita, ressaltando o modo de vida carente das crianças pertencentes ao grupo chamado de Capitães da Areia, vejamos a citação:

SOB A LUA, num velho trapiche abandonado, as crianças dormem. [...] Durante anos foi povoado exclusivamente pelos ratos que o atravessavam em corridas brincalhonas, que roíam a madeira das portas monumentais, que o habitavam como senhores exclusivos. Em certa época um cachorro vagabundo o procurou como refúgio contra o vento e contra a chuva. Na primeira noite não dormiu, ocupado em despedaçar ratos que passavam na sua frente. Dormiu depois de algumas noites, ladrando à lua pela madrugada, pois

grande parte do teto já ruína e os raios da lua penetravam livremente, iluminando o assoalho de tábuas grossas. Mas aquele era um cachorro sem pouso certo e cedo partiu em busca de outra pousada, o escuro de uma porta, o vão de uma ponte, o corpo quente de uma cadela. E os ratos voltaram a dominar até que os Capitães da Areia lançaram as suas vistas para o casarão abandonado. [...] E desde essa noite uma grande parte dos Capitães da Areia dormia no velho trapiche abandonado, em companhia dos ratos, sob a lua amarela. [...] (AMADO, J, 1944, p. 25)

Vimos que Amado (1944) apresenta a extrema pobreza a que os Capitães da Areia são submetidos, porém a condição dessas crianças marginalizadas é invisível à sociedade. Com isso, podemos entender que o autor coloca como protagonistas da obra as crianças abandonadas, oriundas de um trágico histórico familiar e que vivem nas ruas da Bahia. Amado elenca a desigualdade social, econômica e de classe, enfim, expõe crianças destituídas de direitos mínimos, que todo e qualquer cidadão deve ter em uma sociedade. Vale ressaltar aqui que essa sociedade aparentemente apresenta um discurso de preocupação e comprometimento com o coletivo, mas nos revela durante a leitura o preconceito e o ponto de vista elitista da época e que infelizmente perdura até os dias de hoje:

O que se faz necessário é uma urgente providência da Polícia e do Juizado de Menores no sentido da extinção deste bando e para que recolham esses precoces criminosos, que já não deixam a cidade dormir em paz o seu sono tão merecido [...] Passemos agora a relatar o assalto de ontem, do qual foi vítima um honrado comerciante da nossa praça, que teve sua residência furtada em mais de um conto de réis[...] (AMADO, 1944 p. 10).

Dessa forma, percebemos que a sociedade em questão, é apresentada na obra como aristocrática, opressora e hipócrita.

A abordagem do autor no que se refere às crianças dos Capitães da Areia que moram na rua e se marginalizam por diversas razões, perdendo socialmente o direito à infância, é de uma sociedade que concebe um comportamento dissimulado e que exige do Estado uma atitude repressora:

As aventuras sinistras dos “capitães da areia” – a cidade infestada por crianças que vivem do furto – urge uma providência do juiz de menores e do chefe de polícia – ontem houve mais um assalto [...] Os moradores do aristocrático bairro estão alarmados e receosos de que os assaltos se sucedam, pois este não é o primeiro levado a efeito pelos “Capitães da Areia”. Urge uma providência que traga para semelhantes malandros um justo castigo e o sossego para as nossas mais distintas famílias. Esperamos que o ilustre Dr. Juiz de Menores

saberão tomar as devidas providências contra esses criminosos tão jovens e já tão ousados (AMADO, 1944, p.10).

No trecho acima, fica visível a forma como essas crianças eram vistas sendo denominados malandros e criminosos pela sociedade em questão podendo retratar aqui que as crianças do grupo Capitães Areia, tinham no máximo quinze anos, posto que, essa condição de criança frágil, desamparada, desprovida de proteção, enfim, sem família, é totalmente invisível e negada por essa sociedade.

O termo *malandragem*, no fragmento da obra *Capitães da Areia* citado anteriormente, é bem evidente, porém é alocado de forma negativa na obra em relação as crianças do grupo. O grupo Capitães da Areia é descrito também como “Esse bando, que vive da rapina”. E na citação, vimos que o uso deste é empregado de forma a classificar, criticar e excluir essas crianças como desocupados e/ou malandros que vadiam nas ruas da Bahia, cometendo crimes “por culpa de seus pais poucos servidos de sentimentos cristãos”. Nos fragmentos já citados, é notório que Jorge Amado apresenta e denuncia uma sociedade hipócrita que ignora os problemas sociais existentes. Uma sociedade que não concebe essas crianças caracterizando-as como malandros que impedem o seu sossego, elencando, ao longo da narrativa, ainda mais, a exclusão por parte desta:

[...] Mas é o padre José Pedro...

E o “Lorgnon” da velha magra se assestou contra o grupo como uma arma de guerra. O Padre José Pedro ficou meio sem jeito, os meninos olhavam com curiosidade os ossos do pescoço e do peito da velha, onde um “barret” custosíssimo brilhava à luz do sol. [...]

-Boa tarde Dona Margarida.[...]

-O senhor não se envergonha de estar nesse meio, Padre? Um sacerdote do Senhor? Um homem de responsabilidade, no meio desta gentalha...

A velha olhou superior e fez um gesto de desprezo com a boca.

O padre continuou:

- Cristo disse: “Deixai vir a mim as criancinhas”

- Criancinhas... Criancinhas... – Cuspia a velha.[...]

- Isso não são crianças, são ladrões. Velhacos, ladrões. Isso não são crianças. São capazes até de ser dos Capitães da Areia...

Ladrões – repetiu com nojo. (...) (AMADO, 1944, p.71)

Neste sentido, no episódio acima, apresentamos a personagem Dona Margarida, que representa bem o que queremos expor aqui: “Isso não são crianças, são ladrões. Velhacos, ladrões. Isso não são crianças. São capazes até de ser dos Capitães da Areia Ladrões – repetiu com nojo”. (AMADO, 1944, p. 71). Na obra, são

vários os apontamentos observados que excluem e marginalizam essas crianças, pois além de ignorar o fato de serem apenas crianças que necessitam de apoio, as classificam como malandros, ficando evidente uma divisão e desigualdade no que se refere às classes sociais.

### **Personagens e cidadania**

Jorge Amado retrata a marginalização das crianças no grupo Capitães da Areia trazendo à tona as mazelas de uma sociedade que nega aos seus, o direito à cidadania, ou seja, não cumpre seus deveres enquanto cidadãos. É importante destacar que além da denúncia social feita pela Obra, o autor faz-nos refletir sobre as várias relações existentes no grupo, que são por vezes tumultuadas de muita angústia e tristeza. Apesar disso, são intensas de cumplicidade entre todos no grupo.

[...]E o grupo era de mais de cem crianças, pois muitas outras não dormiam no trapiche. Se espalhavam nas portas dos arranha-céus, nas pontes, nos barcos virados na areia do Porto da Lenha. Nenhuma delas reclamava. Por vezes morria um de moléstia que ninguém sabia tratar

[...] Nunca, porém, era como um menino que tem sua casa. O Sem-Pernas ficava pensando. E achava que a alegria daquela liberdade era pouca para a desgraça daquela vida.

[...] Todos procuravam um carinho, qualquer coisa fora daquela vida: o Professor naqueles livros que lia a noite toda, o Gato na cama de uma mulher da vida que lhe dava dinheiro, Pirulito na oração que o transfigurava, Barandão e Almiro no amor na areia do cais. (AMADO, 1944, p. 42)

Desta forma, é notório que a união existente no grupo é devido à vida marginalizada e sofrida, na qual viviam, sem nenhuma opção de subsistência, sendo a marginalidade a única forma que encontraram para sobreviver naquela sociedade e, mesmo sendo uma vida de amarguras, existia no grupo relações de cumplicidade e apesar das angústias vividas por todos, o anseio por uma liberdade real era um desejo em comum entre eles.

Percebemos também que, por se encontrarem em tal situação, vivendo um drama social, e também por serem uma classe que está à margem da sociedade, ou seja, excluídos e invisíveis como cidadãos perante esta, os Capitães da Areia unem-se e se fortalecem, sobrevivendo através de meios ilegais como o roubo e a violência.

Pedro Bala acordou com um ruído perto de si. Dormia de bruços e olhou por baixo dos braços. Viu que um menino se levantava e se aproximava cautelosamente do canto de Pirulito. Pedro Bala, no meio do sono em que estava, pensou, a princípio, que se tratasse de um caso de pederastia. E ficou atento para expulsar o passivo do grupo, pois uma das leis do grupo era que não admitiriam pederastas passivos.

Mas acordou completamente e logo recordou que era impossível, pois Pirulito não era destas coisas. Devia se tratar de furto. Realmente o garoto já abria o baú de Pirulito. Pedro Bala se atirou em cima dele. A luta foi rápida. Pirulito acordou, mas os demais dormiam.

- Tu tá roubando um companheiro? O outro ficou calado, coçando o queixo ferido. Pedro Bala continuou: -- Amanhã tu vai embora... Não quero mais tu com a gente. Vai ficar com a gente de Ezequiel, que vive roubando uns dos outros [...] (AMADO, 1944, p. 42)

O fragmento destaca um papel de liderança e preocupação com o grupo, demonstrada pelo personagem Pedro Bala. Em meio à marginalização sofrida pelo grupo, veremos que, de alguma forma, ele tenta mudar essa realidade, se engajando socialmente, compreendendo seus direitos enquanto cidadão, lutando por estes e buscando uma vida melhor. Acerca disso, Carvalho (2015, p. 45) afirma:

[...]o cidadão pleno seria aquele que fosse titular dos três direitos. Cidadãos incompletos seriam os que possuísem apenas alguns dos direitos. Os que não se beneficiassem de nenhum dos direitos seriam não cidadãos.”[...] Direitos civis são os direitos fundamentais à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei.[...]

Como vimos, Jorge Amado reflete, de forma peculiar e densa, um drama pessoal e social vivido pelos Capitães da Areia, nos revelando a cada capítulo que justiça, cumplicidade, união, respeito, entre outras, eram características importantes no grupo. E que, apesar do modo precário que a vida lhes impôs, eram apenas crianças desprovidas de proteção da sociedade e de seus entes. Neste trabalho, daremos ênfase à evolução do personagem protagonista Pedro Bala, no sentido de evidenciar como vai-se construindo sua personalidade de liderança, à qual ele chega ao final do romance.

## **PEDRO BALA**

Jorge Amado, ao longo da narrativa, nos apresenta todos os personagens, um a um, com suas particularidades, fazendo-nos entender melhor o enredo. Aqui, nos

atentaremos ao personagem *Pedro Bala* é o chefe do grupo que, segundo a narrativa, ficou sozinho nas ruas da Bahia ainda muito pequeno, e por volta dos seus quinze anos descobre sua origem: filho de um grevista que, após levar um tiro, morre lutando por direitos trabalhistas. Explica-se assim, o apelido *Pedro Bala*.

Entretanto, podemos dizer que traça de certa forma as identidades, pois quase todos no grupo possuíam apelidos pejorativos, destacando suas principais características pessoais, físicas e/ou intelectuais. Desta forma, minimizando o sujeito. Com isso, refletamos com a afirmação de Souza (2007, p.110) que diz:

A **identidade operária** constitui processo social em que estão presentes as dimensões da identificação (unidade do grupo em função de semelhanças e objetivos), diferenciação (significados particulares para nominar e tratar a si e os outros) e afirmação (de situações, características e significados próprios) [...]

*Pedro Bala* ocupa papel especial no enredo, pois ao longo da trama, este vai ganhando um posicionamento político mais claro. *Bala*, segundo a narrativa, ficou sozinho nas ruas da Bahia ainda muito pequeno, descobrindo sua origem, filho de um grevista que foi morto lutando por direitos trabalhistas. Com isso, fazemos essa analogia, pois a história do personagem apelidado por *Bala* em função de seu histórico familiar foi bem enfatizada na narrativa, como já dissemos, seu pai foi organizador de greves, conhecido e respeitado por todos, lutava pelos trabalhadores como destaca o texto:

[...] e morreu foi aqui mesmo lutando pela gente, pelo direito da gente. [...]. Quando foi da greve fazia discurso pra gente [...]. Valia dez desses que a gente encontra por aí. [...] Foi pegado por uma bala. (AMADO, 1944, p.75).

Percebemos que suas características enquanto líder do grupo são marcantes, sendo *Pedro Bala* um líder sábio, companheiro, justo, bom, defensor, preocupado com o bem-estar de todos, valorizava a liberdade, não só dele, mas, de todo o grupo e por isto era seguido e respeitado por todos.

[...] O chefe dos Capitães da Areia ia pouco aos candomblés, como pouco ouvia as lições do padre José Pedro. Mas era amigo tanto do padre como da Mãe-de-santo, e entre os Capitães da Areia, quando se é amigo se serve ao amigo." [...] (AMADO, 1944, p. 87)

Independente da realidade em que viviam, havia no grupo respeito mútuo e organização em suas ações, boa convivência, planejamento dos crimes a serem cometidos, sendo que esses crimes quase sempre eram organizados e liderados por *Pedro Bala*. Essas características se afluam e se tornam mais evidentes após a descoberta do seu passado, como aponta Marília Reis Ruy-Sêcco, em seu artigo;

As habilidades de liderança, no entanto, encontram explicação numa espécie de hereditariedade, se é que assim podemos nos referir, já que o pai de Pedro Bala foi um líder grevista, que morreu lutando pelos oprimidos [...] Referimo-nos ao desejo como embrionário porque a participação de Pedro Bala em uma greve somente se concretizará quando ele tornar-se adulto. No momento em apreço, trata-se mais de encantamento e fascinação, sobretudo por conta da descoberta de que seu pai foi uma espécie de herói que morreu lutando por liberdade e direitos. (2016, p.172)

O trecho acima ressalta sua tendência à luta de classes como o proletariado, refletindo sobre o processo político que este artigo apontará.

Na tentativa de compreender melhor como o autor descreve os personagens, especialmente *Pedro Bala*, verificamos que Jorge Amado deixa sua condição de militante comunista manifestar-se na narrativa, revelando seus ideais sociais e políticos, na tentativa de mudar uma realidade cruel existente na época em que foi escrita a obra.

Percebemos que os personagens centrais do livro representam muito mais do que crianças delinquentes que infestam e apavoram as ruas da capital baiana, como é apresentado na narrativa.

É aqui também que mora o chefe dos Capitães da Areia Pedro Bala. Desde cedo foi chamado assim, desde seus cinco anos. Hoje tem 15 anos. Há dez que vagabundeia nas ruas da Bahia.[...] Hoje sabe de todas as suas ruas e de todos os seus becos. Não há venda, quitanda, botequim que ele não conheça. Quando se incorporou aos Capitães da Areia (o cais recém-construído atraiu para as suas areias todas as crianças abandonadas da cidade) o chefe era Raimundo, o Caboclo, mulato avermelhado e forte.

Não durou muito na chefia o caboclo Raimundo. Pedro Bala era muito mais ativo, sabia planejar os trabalhos, sabia tratar com os outros, trazia nos olhos e na voz a autoridade de chefe Porém Pedro Bala, o cabelo loiro voando, a cicatriz vermelha no rosto, era de uma agilidade espantosa e desde esse dia Raimundo deixou não só a chefia dos Capitães da Areia, como o próprio areal. [...] Todos reconheceram os direitos de Pedro Bala à chefia, e foi desta época que a cidade começou a ouvir falar nos Capitães da Areia. (AMADO, 1944, p. 26)

O grupo Capitães da Areia, especialmente *Pedro Bala*, representa para as autoridades, um bando que se entrega à vida do crime, por culpa, não da sociedade, mas de “pais poucos servidos de sentimentos cristãos” (AMADO, 1944, p.5)

Vimos, anteriormente que o narrador enfatiza uma divisão de classes e o desprezo da sociedade em relação aos menores de rua, quando relata a invasão dos meninos ao palacete do Comendador José Ferreira não sendo apenas uma descrição de um furto, mas uma denúncia de um grave problema social vinculado à desigualdade socioeconômica, como se nota em:

A nossa reportagem ouviu também o pequeno Raul, que, como dissemos, tem onze anos e já é dos ginásianos mais aplicados do Colégio Antônio Vieira. Raul mostrava uma grande coragem, e nos disse acerca da sua conversa com o terrível chefe dos "Capitães da Areia". Ele disse que eu era um tolo e não sabia o que era brincar. Eu respondi que tinha uma bicicleta e muito brinquedo. Ele riu e disse que tinha a rua e o cais. (AMADO, 1944, p.12).

O sujeito colocado como vítima é a criança que tem família, frequenta a melhor escola do bairro e tem muitos brinquedos, e não *Pedro bala* que é fruto do abandono tanto familiar, quanto social denunciado na obra. Apesar disso, *Bala* de acordo com a reportagem se mostra feliz, pois enquanto *Raul* tem uma bicicleta e muitos brinquedos, ele tem a rua e o cais para brincar, ou seja, liberdade, algo bem presente em seu discurso.

Jorge Amado, ao descrever *Pedro Bala*, em *Capitães da Areia*, apresenta uma criança que vive, ou melhor, sobrevive em uma sociedade que o exclui e marginaliza e que, por não ter apoio, mas sim uma falsa proteção das autoridades, vê-se abandonado nas ruas e perde socialmente sua infância, adultizando-se precocemente.

*Pedro Bala*, como protagonista, apresenta características que fazem com que o identifiquemos como líder ou até mesmo um herói. Suas ações são em defesa do grupo a fim de combater as mazelas de uma sociedade que além de oprimir, exclui. Por isso, *Pedro Bala* questiona-se e, de certa forma, luta por direitos igualitários para si e para os que fazem parte do seu convívio. *Bala*, como era chamado por todos no grupo, após assumir a liderança dos Capitães da Areia, se responsabiliza pelo grupo. Ao demonstrar coragem, agilidade, malandragem, organização, entre outros, tornando-se um líder respeitado pela maioria.

O sujeito *Pedro Bala* representa a vontade de um coletivo, demonstrando uma personalidade voltada para as massas, pois o seu histórico ideológico familiar o torna mais ávido por uma igualdade social ao longo da narrativa, com isso, ele edifica sua trajetória como militante. Nesse sentido, refletimos a citação “Todos reconheceram os direitos de Pedro Bala à chefia, e foi desta época que a cidade começou a ouvir falar nos Capitães da Areia” (AMADO, 1944, p. 27).

A trajetória na direção da militância do personagem na obra, será colocada de modo cronológico, pois assim entenderemos com mais afinco como se deu seu engajamento. *Pedro Bala* aos poucos demonstra suas qualidades de líder, tais como sensibilidade e senso de justiça:

-Tu tá roubando um companheiro? O outro ficou calado, coçando o queixo ferido. Pedro Bala continuou: - Amanhã tu vai embora... Não quero mais tu com a gente. Vai ficar com a gente de Ezequiel, que vive roubando uns dos outros.” (AMADO, 1944, p. 43)

Neste episódio, percebemos que o personagem, apesar de ser um menor, possui um bom senso no que se refere a ser justo com o grupo ao qual pertence e, sempre que surge uma oportunidade, ele oferece exemplos aos demais difundindo suas ideias.

Um aspecto a se destacar é que as características que o levam a um engajamento, se afluam quando ele descobre seu passado. De modo mais específico, essa descoberta acontece no episódio em que João de Adão e Luisa sua comadre, dialogam sobre o pai de Pedro Bala, dizendo que ele foi um homem apelidado por “Loiro” e que morreu numa greve. Em seguida olhou para Pedro e perguntou “Tu nunca ouviu falar Capitão?” Pedro responde que não. E fica sabendo que na época em que seu pai foi grevista e morreu ele tinha apenas quatro anos e desde então perambulou pelas ruas da Bahia, de casa em casa até se tornar conhecido como um dos Capitães. Vejamos um fragmento para uma melhor compreensão do fato:

Quantos anos tu tem agora?  
Pedro ficou fazendo cálculos e o próprio João de Adão interrompeu:  
- Tu tá com uns quinze anos. [...]  
- No dia que tu quiser tu tem um lugar aqui nas docas. A gente tem um lugar guardado pra tu. [...] - Por quê? - perguntou Boa-Vida, já que Pedro apenas olhava espantado.  
- Porque o pai dele era Raimundo e morreu foi aqui mesmo lutando pela gente, pelo direito da gente. Era um homem e tanto. Valia dez desses que a gente encontra por aí.

-Meu pai?-fez Pedro Bala, que daquelas histórias só conhecia vagos rumores. (AMADO, 1944, p. 75)

A sociedade a que pertencia contribuía para que o personagem continuasse na vida do crime, pois, no decorrer da narrativa, é notório que o autor procura denunciar não só a miséria e abandono em que vive *Pedro Bala*, mas também a opressão por parte de adultos negligentes que receptam as mercadorias roubadas por esses menores. Contudo, após a descoberta do seu passado, a vontade de militar do personagem se torna mais evidente, e, naquele momento, ele demonstra essa pretensão e então começa a externá-la de forma mais consciente.

Eu gostava de fazer uma greve. Deve ser porreta. [...] De todos os cantos surgiam estivadores que se iam dirigindo para o grande armazém. Pedro Bala os olhou com carinho. Seu pai fora um deles, morrera por defesa deles. Ali iam passando homens brancos, mulatos, negros muitos negros. [...] Seu pai fora um deles. Só agora o sabia. (AMADO, 1944, p. 75)

Depois de conhecer a história de seu pai, que um dia também fizera discursos, Pedro Bala fica pensativo e reflete sobre sua história considerando, imaginando que um dia poderá ser como seu pai e quem sabe protagonizar uma greve e lutar contra polícias e até morrer pelo direito dos outros. Pensando que deste modo vingaria seu pai e ajudaria outros a lutarem por seus direitos. Em certo episódio em que a polícia se apropria de uma imagem de *Ogun* e Don' Aninha pede ajuda aos meninos para recuperá-la, nosso protagonista se mostra revoltado e reflete de modo peculiar a situação. Vejamos:

Pedro Bala sentiu uma onda dentro de si. Os pobres não tinham nada. O padre José Pedro dizia que os pobres um dia iriam para o reino dos céus, onde Deus seria igual para todos. Mas a razão jovem de Pedro Bala não achava justiça naquilo. No reino dos céus seriam iguais. Mas já tinham sido desiguais na terra, a balança pendia sempre para um lado. (AMADO, 1944, p. 85)

Devido à situação, *Pedro* traça um plano perigoso e recupera a imagem de *Ogun*. Porque proteger e lutar pelos mais fracos, fazendo justiça, é algo que carrega dentro de si e além disso evidência o caráter que *Bala* apesar de menino, já possuía. Pelo trecho se vê que Pedro não questiona apenas as leis terrenas e/ou sociais, mas também as da igreja, e consegue perceber que tamanha é a desigualdade existente

em uma sociedade que se diz protetora e, sobretudo, cristã. Entretanto, a conduta desta não condiz com esse discurso.

O autor ao longo do texto nos relata as angústias vividas pelo protagonista, pois sobreviver em uma sociedade hipócrita estava cada vez mais difícil e com isso *Pedro Bala* se afligia:

[...]E tinha vontade de se jogar no mar para se lavar de toda aquela inquietação, a vontade de se vingar dos homens que tinham matado seu pai, o ódio que sentia contra a cidade rica que se estendia do outro lado do mar, na Barra, na Vitória, na Graça, o desespero da sua vida de criança abandonada e perseguida, a pena que sentia pela pobre negrinha, uma criança também.(AMADO, 1944, p.83)

A inquietação que persegue o personagem, aos poucos se modifica, e *Pedro Bala*, na ânsia por justiça e, apesar do não convívio com seu pai, toma para si a ideologia de seu pai e passa a se envolver em movimentos sociais políticos. Em algumas situações, a revolta de *Pedro Bala* contra as instituições públicas é tanta que ele se manifesta. Temos como exemplo um episódio em que um dos Capitães da Areia, Almiro, é contaminado por varíola, descrita na narrativa como *bexiga*. Para resolver o problema, os meninos chamaram o padre José Pedro que, a princípio, acreditava que a melhor solução seria Almiro ir para o Lazareto, um local onde levavam as pessoas contaminadas no *alastrim*. Porém, *Pedro*, indignado devido ao tratamento que os doentes recebiam por lá, recusa essa condição.

- É preciso levar para a assistência...  
- Pro lazareto?  
- Sim.  
- Não, não vai, disse Pedro Bala.  
[...] - Por que, meu filho? perguntou o padre José Pedro.  
- Tu sabe, padre, que ninguém volta do lazareto. Ninguém volta. E ele é um da gente. um do grupo. A gente não pode fazer isso...  
- Mas é a lei, filho.  
- Morrer?  
O padre mirou Pedro Bala com os olhos abertos. Aqueles meninos viviam a lhe dar surpresas, sempre mais adiantados em inteligência do que ele pensava. E, no fundo, o padre sabia que eles tinham razão.  
- Não vai, não, padre... - afirmou Pedro Bala. (AMADO, 1944, p.130)

Como já dissemos, *Pedro*, durante toda a narrativa, mostra senso de justiça e lealdade, como no último episódio, quando todos os Capitães vão para uma de suas

(des) aventuras e ele, *Pedro Bala*, para salvar os companheiros, se deixa capturar, sendo então levado ao reformatório, local temido por todos:

Sem-Pernas disse:

- Ele ficou pra livrar a gente. É preciso que a gente livre ele. Não direito?

Todos estavam decididos. Quando o levaram para aquela sala Pedro Bala calculava o que o esperava. Não veio nenhum guarda. Vieram dois soldados de polícia, um investigador, o diretor do reformatório. Fecharam a sala. O investigador disse numa voz risonha: - Agora os jornalistas já foram, moleque. Tu agora vai dizer que sabe queira ou não queira. (AMADO, 1944, p173)

*Pedro*, durante sua estada no reformatório, foi torturado de todas as formas possíveis para que revelasse onde ficavam os outros garotos do grupo. Entretanto, mesmo os castigos sendo dos mais cruéis, ele não delatou o local onde viviam seus amigos. Isso evidenciou não só a sua lealdade e companheirismo, mas direcionou nosso protagonista para a luta por direitos enquanto cidadão, como se nota em:

Pedro Bala sentia o corpo todo doer das pancadas do dia anterior. Mas ia satisfeito, porque nada tinha dito, porque não revelara o lugar onde os Capitães da Areia viviam. Lembram-se da canção que os presos cantavam na madrugada que nascia. Dizia que a liberdade é o bem maior do mundo. Que nas ruas havia sol e luz e nas ruas havia uma eterna escuridão porque ali a liberdade era desconhecida. (AMADO, 1944, p. 175)

*Pedro*, com ajuda dos Capitães, foge do reformatório. Eles salvam Dora, que também havia sido pega e levada a um orfanato. E assim vemos a notícia do acontecido nos jornais, “Professor lê a manchete do Jornal da Tarde: "O chefe dos 'Capitães da Areia' consegue fugir do reformatório" (AMADO, 1944, p. 187) Após a fuga, *Pedro* e Dora se entregam ao amor e a partir daí o autor passa a narrar as mudanças e os destinos de cada personagem.

*Pedro Bala* permanece no trapiche e, mesmo com os desfechos, alguns prósperos e outros infelizes, ele se despede de seus companheiros, consciente de que foi bom e justo durante sua liderança dos Capitães da Areia, então se entrega e reflete sobre seu histórico ideológico familiar:

Pedro Bala tem vontade de entrar na greve, de gritar com toda a força do seu peito, de apartear os discursos. Seu pai fazia discursos numa greve, uma bala o derrubou. Ele tem sangue de grevista. Demais a vida da rua o ensinou a amar a liberdade. (AMADO, 1944, p. 225)

*Pedro Bala* é visto e reconhecido de forma positiva como chefe dos Capitães da Areia. Assim lemos:

Pedro Bala olha sem desconfiança. O estudante sorri:

- Já ouvi falar muito em você e em seu grupo. Você é um batuta...  
- Capitão, a gente tem que conversar com tu. Tem um assunto com tu. Um troço sério. Aqui o companheiro Alberto...[...]

Vão os quatro. Sentam num canto. Alguns dos Capitães da Areia acordam e espiam o grupo. [...]Mas Pedro Bala está dizendo a João de Adão:

- Que coisa porreta a greve! Nunca vi coisa tão bonita. É como uma festa...

- A greve é a festa dos pobres... -- diz o estudante [...] (AMADO, 1944, p.226)

Tudo o que o estudante fala é como um canto para *Pedro*, estimulando-o ainda mais a seguir os ideais de seu pai. Quando *Pedro* vê a greve, sente-se entusiasmado “Que coisa porreta a greve!”. E assim, nossa personagem segue evoluindo para uma vida adulta e de engajamento social.

- Você acha a greve bonita, Pedro?

- Companheiro, esse é um porreta diz João de Adão. --Tu não conhece os Capitães da Areia nem Capitão Pedro... É um companheiro...[...]

- Pois companheiro Pedro, a gente precisa de você e do seu grupo.

- Pra quê? -- pergunta João Grande curioso.

Pedro Bala apresenta:

- Este negro é João Grande, um negro bom. Quem for bom é igual a João Grande, melhor não é...[...]

Pedro Bala quer conversar sobre a greve, saber o que querem dele:

- É pra greve que precisa da gente?

- Se for? -- perguntou o estudante.

- Se for pra ajudar os grevistas, tou decidido. Pode contar com a gente... -levanta-se, está um rapazola, o rosto disposto para a luta.[...]

[...] Agora Pedro Bala acordava todos e explicava o que tinham que fazer. O estudante estava entusiasmado com as palavras do moleque. Quando terminou de explicar, Bala resumiu tudo nestas palavras:

- A greve é a festa dos pobres. Os pobres é tudo companheiro, companheiro da gente. (AMADO, 1944, p. 227)

*Pedro*, então, organizou seus companheiros Capitães da Areia, e juntos foram para a greve e conseguiram impedir os furagreves, o que deixou o estudante feliz e empolgado com os Capitães da Areia e *Pedro Bala* enfim, segue seu destino.

A revolução chama Pedro Bala como Deus chamava Pirulito nas noites do trapiche. É uma voz poderosa dentro dele, poderosa como

a voz do mar, como a voz do vento, tão poderosa como uma voz sem comparação.[...] Pedro Bala foi aceito na organização no mesmo dia em que João Grande embarcou como marinheiro num navio cargueiro do Lóide. No cais dá adeus ao negro, que parte para a sua primeira viagem. Mas não é um adeus como aqueles que dera aos outros que partiram antes. Não é mais um gesto de despedida. É um gesto de saudação ao companheiro que parte:

- Adeus, companheiro.

Agora comanda uma brigada de choque formada pelos Capitães da Areia. O destino deles mudou, tudo agora é diverso. Intervêm em comícios, em greves, em lutas obreiras. O destino deles é outro. A luta mudou seus destinos. (AMADO, 1944, p. 231)

Enfim, percebemos na citação anterior, o chamado de *Pedro Bala* à organização, se envolvendo cada vez mais com as lutas operárias, incluindo os Capitães da Areia, mudando a partir daí não só o seu destino, mas também dos que o cercavam.

### **Considerações finais**

Constatamos que Pedro Bala tem sua trajetória política construída com base em dramas pessoais, bem como no contexto histórico, social e político do período, que nos levam a entender melhor não só a personagem, mas o próprio contexto social da época.

Percebemos, também, que havia em Pedro Bala traços típicos de lideranças frente ao grupo, especialmente na proteção do grupo, bem como nas situações de ordem coletiva que o faziam refletir sobre as desigualdades sociais.

Verificamos, dentre tantas leituras possíveis da Obra, que Jorge Amada utiliza-se do Romance como forma de denúncia acerca das mazelas sociais, dos estigmas, da exploração e das possibilidades de mudanças. Além disso, a obra, em certa medida, é pioneira enquanto denúncia da exploração e negligência social em relação às crianças.

### **REFERÊNCIAS**

AMADO. Jorge. **Capitães da Areia**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1944.

CANDIDO. Antônio. **O discurso e a cidade.**: São Paulo: Duas cidades, 1993.

CARVALHO, José Murilo de. **1939, Cidadania no Brasil: o longo caminho.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015, 19<sup>o</sup>ed.

RAMOS, Jorge. Ditadura Vargas incinerou em praça pública 1.640 livros de Jorge Amado. **Jornal Correio**, Salvador, edição de 10/08/2012. Disponível em: [www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ditadura-vargas-incinerou-em-praca-publica-1640-livros-de-jorge-amado](http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ditadura-vargas-incinerou-em-praca-publica-1640-livros-de-jorge-amado). Acesso em 30/05/2018 às 18:45.

RUY-SÊCCO, Marília Reis. Comunismo em gestação: análise de Capitães da areia, de Jorge Amado. Colóquio de Letras da FALE/CUMB, 3, 2016, Breves. **Anais**. Breves: Universidade Federal do Pará, 2016.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista.** Rio Janeiro, RJ: Garamond, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000, p.73-102.

SOUZA, Nair Heloisa Bicalho de. **Trabalhadores pobres e cidadania: a experiência da exclusão e da rebeldia na construção civil.** Uberlândia/MG: EDUFU, 2007.